



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

[PRÁTICAS CULTURAIS E SABERES TRADICIONAIS NEGROS EM AMERICANA-SP]

VITOR DANIEL MENCK¹

JOANA D'ARC DE OLIVEIRA²

Resumo: A presença da população negra no estado de São Paulo esteve vinculada ao período escravista e aos deslocamentos que ele impôs a estes sujeitos, principalmente por meio do tráfico interprovincial. No pós-abolição o cotidiano dos ex-escravos foi marcado por migrações constantes, motivadas por vários fatores, como a busca por melhores condições de vida. Tendo como foco de análise a cidade de Americana-SP, objetivamos identificar a presença negra no tecido urbano, a partir do mapeamento de suas casas e quintais, destacando as relações socioespaciais estabelecidas com a cidade, as práticas culturais e os saberes tradicionais por eles preservados. Em princípio, se faz importante um retrospecto de ponto de vista afrocentrado para entendimento de como se deram os intercâmbios culturais entre o continente africano e o Brasil colonial, objetivando compreender que tais populações trazidas para cá através, segundo Henrique Cunha, do escravismo criminoso são constituintes da formação cultural do país. Além disso, analisamos de forma sucinta todo o processo de urbanização brasileira que conserva as estruturas de poder da população branca herdadas do sistema escravista criminoso que desmantelou na configuração que vemos até hoje, com a maioria da população negra concentrada nas periferias da cidade. Assim, buscou-se mapear os bairros negros de Americana, e compreender a produção da cidade de ponto de vista racial, destacando as sociabilidades, práticas culturais e tradições que são desenvolvidas nesses espaços.

Palavras-chave: bairros negros, espaço urbano, pós-abolição, cultura afro-brasileira, Americana-SP.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo principal mapear territórios negros urbanos que emergiram no contexto do pós-abolição no estado de São Paulo, como forma de resistência às legislações urbanas e projetos urbanísticos que promoveram a segregação espacial dos pobres da cidade, notadamente da população negra.

A presença desses sujeitos no estado de São Paulo esteve fortemente vinculada ao período escravista e aos deslocamentos que ele impôs a negros e negras. No pós-abolição, a migração foi uma constante no cotidiano dos ex-escravos e foi fomentada por várias motivações, dentre elas as buscas por melhores condições de vida e o desejo

¹ Graduando em Arquitetura e Urbanismo pelo Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP). vitor.menck@usp.br

² Profa Dra Colaboradora MSIII no Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP). Pesquisadora do PCT-IAU-USP (Grupo de Pesquisa Patrimônio, Cidades e Territórios) e do URBIS-IAU-USP (Grupo de Pesquisa em História da Arquitetura, da Cidade e da Paisagem). joanadarcoliveira@usp.br



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

de estar próximo à familiares. No estado de São Paulo a presença desses sujeitos era elevada, tanto no período escravista como no pós-abolição, sendo eles sujeitos ativos e que fomentavam o cotidiano nos espaços rurais e urbanos. Para compreender a fixação territorial de negros e negras no pós-abolição é fundamental considerar o contexto político, econômico, social, ideológico e cultural, que marcou o final do século XIX e todo o século XX.

Vale ressaltar ainda que nas últimas décadas tem crescido o interesse, por parte das universidades e centros de pesquisa, em torno da temática da cultura negra ou afrobrasileira, destacando seus saberes, práticas culturais, vivências, contribuições no campo da arquitetura e do urbanismo, seus enfrentamentos e demandas sociais. Esta postura, além de contribuir para a preservação desse importante Patrimônio Cultural Brasileiro, vem corroborando para a implementação e o desenvolvimento de políticas públicas culturais, mas também de saúde, educação, habitação, saneamento, planejamento urbano, entre outras, justificando o alargamento dessas pesquisas como contributo fundamental para o planejamento e o ordenamento das cidades que incluem a diversidade de seus sujeitos e territórios.

Ancorados nessas prerrogativas, apresentamos no presente artigo as primeiras etapas do mapeamento e registro das práticas culturais e dos saberes tradicionais negros realizados e preservados nas casas e quintais negros no município de Americana-SP. Assim, a partir dos conceitos de raça, cultura e espaço, vimos tecendo um diálogo contínuo e participativo com os detentores desses saberes, destacando suas histórias, práticas culturais e as formas com que se apropriaram dos seus espaços de morar e da cidade. Para tal, partilharemos conceitos e abordagens teóricas em torno da consolidação do protagonismo negro ao longo da história no período da escravidão, como também no Pós-Abolição, e em torno das formulações de espaço, território e patrimônio cultural afrobrasileiro.

2 HERANÇAS AFRICANAS NA FORMAÇÃO CULTURAL BRASILEIRA



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

O continente africano é visto até os dias de hoje a partir de uma visão estereotipada e colonialista que o reduz a aspectos negativos como atraso e miséria. Análises decoloniais têm caminhado na contramão desse processo, trazendo à tona aspectos reais das culturas africanas, levando-nos a conhecer a realidade dos múltiplos aspectos desse continente e a identificar as heranças culturais legadas ao Brasil. De acordo com Munanga (2009), a palavra “África” é um topônimo da antiguidade greco-romana, cujos gregos se referenciavam ao território da atual Líbia, já os romanos à Tunísia. Após a derrota dos fenícios, os romanos destruíram o Cartago e criaram uma nova província que chamaram província dos Afri, nome dado aos indígenas da região em meados de 145 a.C., e que levaria a designar todo o continente.

A África é 1,7 vezes maior que a América do Sul e é demograficamente dividida em duas regiões, separadas pelo Deserto do Saara. Ao norte, tem-se a África Branca ou África Árabe, onde vivem os árabes-berberes, e ao sul tem-se a África Negra, de onde vieram os negros para o Brasil e, portanto, foco deste trabalho.

Diversas sociedades compõem a África e todas possuem sua individualidade cultural, são faladas mais de mil línguas ao longo do continente. Munanga (2009) explica os conceitos de sociedade e cultura e sua relação. Como sociedade considera-se um grupo de pessoas autossuficiente e cumpridora de suas necessidades materiais e psicológicas, formando uma unidade com limites bem definidos. Já por cultura, o autor define:

Uma cultura é um conjunto complexo de objetos materiais, comportamentos e ideias, adquiridos numa medida variável pelos respectivos membros de uma dada sociedade. As duas entidades são correlativas: uma sociedade não poderia existir sem cultura, essa herança coletiva transmitida de geração em geração e que permite aos descendentes não poder reinventar todas as soluções. Uma cultura supõe a existência de um grupo que a cria lentamente, a viva e a comunique. (MUNANGA, 2009)

É importante compreender que cultura e raça são variáveis independentes, e que as duas Áfricas situadas nos dois lados do Saara se distinguem culturalmente, mas, não por um lado ser considerado pertencente a grande raça negra e outro a grande raça



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

branca, e, além disso, existe uma similaridade cultural nas regiões da África Negra entre as diferentes etnias, evidentes em suas formas artísticas e crenças religiosas.

Alguns aspectos em comum por quase toda África Negra são a composição de uma sociedade matriarcal, pois é por meio da circulação das mulheres que se faz a perpetuação da linhagem; a poligamia; e nos aspectos políticos, quando monarquia não havia uma separação clara dos três poderes (Legislativo, Judiciário e Executivo), e quando democracia se caracterizava pela unanimidade e não pela maioria parlamentar, fazendo com que os anciãos discutissem por horas até atingir a unanimidade.

Segundo Weimer (2014), etnograficamente a população africana está dividida em oito grandes linhagens: os nilotas, os hamitas, os nilota-hamitas, os sudaneses, os bacas, os bantos, os koikoi e os san. No contexto brasileiro os processos de mestiçagem dos africanos escravizados tornam difícil discernir a origem étnica das populações afrodescendentes do Brasil atual, sendo possível analisar a partir das semelhanças das contribuições culturais e linguísticas africanas que resistiram até os dias de hoje.

Os povos com maior presença no Brasil foram os bantos e sudaneses, com destaque aos bantos por chegarem primeiro e em maior número, cujos povos compõe a África central e austral (Camarões, Gabão, Congo, República Democrática do Congo, Zâmbia, Zimbábue, Namíbia, Moçambique e África do Sul). Foram eles os responsáveis pela reconstrução do modelo africano de “quilombo”, que vem de *kilombo* e remete a uma instituição sociopolítica e militar que no Brasil era uma forma dos escravizados e livres se oporem à estrutura escravocrata, pela implantação de outra estrutura política.

Dentre as diversas contribuições materiais e imateriais banto, Munanga cita as vastas contribuições na língua portuguesa falada no Brasil, cujo vocabulário apresenta muitas palavras de origem banto que são utilizadas sem consciência de sua origem por todos os brasileiros, como bunda, quitanda, caçula, marimbondo, quiabo, jiló e cachimbo, além da contribuição religiosa com o candomblé da Bahia que se espalhou por todo território nacional. Na cultura material, os bantos e sudaneses deixaram diversas contribuições, como instrumentos musicais como tambores de jongo (tambos e candongueiros), o



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

ingono ou ingomba, o zambé, a cuíca, o urucungo. Na escultura, bantos deixaram suas marcas nas figas de madeira e nos objetos de ferro. Na mineração eles introduziram a bateia. Elementos culturais banto estão presentes também nos congos, quilombos, coco, jongo, maculelê, maracatu, bumba-meu-boi e capoeira, destacando-se o samba, um dos gêneros musicais populares mais conhecidos e que constitui uma das facetas da identidade cultural brasileira.

Weimer (2014) ressalta que na arquitetura, a imigração forçada de negros africanos reduziu e simplificou as diversas tipologias habitacionais presentes no continente africano, porém resistiram diversos aspectos dos costumes, principalmente os relacionados as atividades ao ar livre e o emprego da taipa.

3 TERRITÓRIOS NEGROS NO PÓS-ABOLIÇÃO

A história do Brasil é marcada por uma série de conflitos entre a população negra africana detentora de saberes e a população branca europeia exploradora, além dos povos nativos. Segundo Cunha (2019), os processos de formação básica da cultura nacional ocorreram de forma diferente para a população africana devido às opressões do poder e dominação exercidos pelos portugueses referentes a remanescente cultura e tradição africana.

Um desses processos está diretamente ligado à urbanização brasileira no século XX, que conserva relações de poder herdadas do sistema escravista criminoso readaptando-o ao período do pós-abolição, quando foram criadas políticas que desqualificaram as populações negras da cidade e fortaleceram as estruturas de poder da população branca

A maior parte da população vive em meio urbano, no caso do Brasil quase 85% da população³, e é este também o meio onde ocorrem as relações sociais. Devido a lógica urbanística e certas políticas públicas que ignoram a existência e/ou as particularidades da população negra, esta é colocada em um processo de desqualificação social.

³ De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2015, 84,72% da população brasileira vive em áreas urbanas.



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

Os lugares da população negra são lugares fora das ideias do pensamento urbanístico brasileiro por diversas razões e tem como consequência uma política pública de prejuízos sociais, econômicos, culturais, políticos e educacionais para esse grupo. (CUNHA, 2019).

Neste contexto, surge o tema dos bairros e cidades negras, que segundo Cunha são “áreas geográficas de existência de formas de vida da população negra, obstruídas e limitadas pelas estruturas do racismo estrutural antinegro”. É na cidade e nos bairros que são produzidos a identidade individual e coletiva, mas atrelada a tradição eurocêntrica, afastando desde a abolição, traços da cultura e tradição negra.

Um exemplo de território que acabou por se configurar como negro, a própria senzala desenhada pelos senhores brancos como espaço de submissão, ainda que com fortes influências das *senzalas* africanas, também serviu como uma base de afirmação das diversas comunidades africanas que ali habitavam, de modo que tal confinamento foi capaz de transformar um grupo cujo único traço em comum era a ancestralidade africana em comunidade. Assim, o pátio da senzala, símbolo dessa segregação, se transforma em terreiro, importante elemento presente na configuração dos territórios negros urbanos e onde eles se expressam, através do samba, do candomblé, do jongo, entre outros. (ROLNIK, 1989).

Um dos suportes mais sólidos desse repertório negro foi, desde a senzala, o próprio corpo, espaço de existência, continente e limite do escravo. Arrancado do lugar de origem e despossuído de qualquer bem ou artefato, era o escravo portador – nem mesmo proprietário – apenas de seu corpo. Era através dele que, na senzala, o escravo afirmava e celebrava sua ligação comunitária; foi através dele, também, que a memória coletiva pôde ser transmitida, ritualizada. (ROLNIK, 1989).

A urbanização brasileira imprime conceitos europeus que formalizam uma dualidade entre centro e periferia caracterizado por um “não lugar” em que é escassa a presença do planejamento urbano, dos equipamentos e espaços públicos, e são nesses espaços



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

que se concentram a população negra sob nomes como cidade clandestina, cidade irregular, cidade informal, cidade periférica, como um processo sistemático de inclusão precária das populações negras na sociedade brasileira.

Segundo Chalhoub (2004), as cidades brasileiras no pós-abolição eram espaços de notável presença negra devido ao grande número de trabalhadores e comerciantes antes escravizados, que ocupavam espaços de uso coletivo, como as habitações denominadas como cortiços. As políticas sanitaristas advindas das dificuldades higiênicas desses espaços e as epidemias serviram de pretexto para justificar as remoções sistemáticas dessas populações dos centros urbanos, transferindo-os para áreas periféricas desprovidas de sistemas públicos. Nesse sentido, foram definidos lugares como sinônimos de áreas de maioria afrodescendente, como é o caso de mocambos, arrabaldes, favelas, alagados, palafitas e outras denominações. (CUNHA, 2019).

Com o processo abolicionista em andamento, foram trazidos milhares de imigrantes europeus, de maioria italiana, para “substituir” a mão-de-obra negra escravizada, acompanhada de um discurso progressista de que europeus civilizados trariam sua cultura para ajudar a desenvolver a nação, além de formular uma teoria racial onde a população europeia etnicamente superior iria, através da miscigenação, branquear a população.

As metas da política da república eram impor uma nação homogênea, moderna, no sentido europeu e sem antagonismos entre a população negra e branca, eliminando as marcas do passado do escravismo criminoso e ignorando os conflitos acumulados durante a sua existência, sem, contudo, fazer nenhuma concessão política, econômica ou social às “classes sociais” afrodescendentes herdeiras desfavorecidas do regime político passado. (CUNHA, 2019).

Dentro de todas as perseguições sofridas pelas populações negras nesse processo, destaca-se a forma como sua tradicionalidade e cultura foram reprimidas, muitas vezes por forças policiais que as caracterizavam como baderna, desordem, degeneração moral, atraso social, pois estavam distantes do ideal da civilização europeia. Tais



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

perseguições se estendiam às práticas religiosas do Catimbó, Candomblé e Umbanda, além de formas de socialização como batuques, samba, pastoris, maracatus, bumba meu boi, marabaixo, maxambombas, mamolengos, teatro de rua e danças em salões. Não há espaço na cidade civilizada de maneira europeia para a presença africana, isso se manifesta segundo Rolnik, em um código de posturas municipal (de São Paulo) em 1886 que proíbe diversas práticas presentes nos territórios negros da cidade, como as quituteiras, pois “atrapalham o trânsito”; os mercados serem transferidos, pois “afrontam a cultura e conspurcam a cidade”; os pais-de-santo não podem trabalhar, pois são “embusteiros que fingem inspiração por algum ente sobrenatural”.

É importante ressaltar que os negros não foram seres passivos nesses processos. Desde o início do século XX já se organizavam sociedades negras com atividades culturais e recreativas incluindo publicações em jornais, produção literomusical e teatral, passeios, piqueniques e bailes de fim de semana em salões alugados. São eles os principais responsáveis pelo desmanche da escravidão pela conquista de seus espaços, e, por, mesmo com toda a marginalização, manterem vivas muitas das tradições e traços culturais africanos que formulam uma das principais bases culturais do país.

4 AMERICANA-SP: HISTÓRIA E PRESENÇA NEGRA

Americana surge primeiro como distrito de Campinas através de um povoamento entre as áreas férteis dos rios Jaguari e Atibaia por volta de 1777, onde começam a se estabelecer lavouras de cana-de-açúcar. Em 1799, a coroa portuguesa faz a doação da Sesmaria de Salto Grande a Domingos da Costa Machado, e foi nas décadas seguintes dividida entre seus herdeiros, dos quais um deles fundou a Fazenda Machadinho. Outras áreas foram vendidas, dentre elas a que foi adquirida por Manoel Teixeira Vilela, que teria na época 9700 alqueires de terra entre Atibaia, Boa Vista e Salto Grande⁴. Por volta de 1810, ele mandou construir o que seria a sede da fazenda, feita em taipa-de-pilão e taipa-de-mão, denominada Salto Grande, edificada por mão de obra negra escravizada e que

⁴ Segundo inventário de 1818 em FANTINATTI, J. M. **Pró-Memória de Campinas-SP**, 2009. Disponível em: <http://pro-memoria-de-campinas-sp.blogspot.com/2009/08/curiosidadessesmarias-e-latifundios-de.html>. Acesso em: 24 de mar. de 2021.



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

serviria para armazenagem de cana-de-açúcar, já que se tratava de uma das fazendas mais importantes da região.

Figura 1 - Vista do Casarão do Salto Grande



Fonte: Vitor Menck, 2021.

Estima-se que a fazenda Salto grande chegou a abrigar 223 negros escravizados, uma das maiores da região, ainda que o inventário de Antônio Manoel Teixeira, filho de Manoel, conste mais de 400 escravizados⁵. Pouco se sabe sobre a trajetória dos negros escravizados trazidos por Manoel Teixeira Vilela, mas é possível afirmar suas atuações na formação econômica da cidade, além de sua presença nas atividades agrícolas e outros serviços. Segundo representantes da UNEGRO (União de Negros pela Igualdade) (2017), com a chegada dos imigrantes italianos para trabalhar nas lavouras, as senzalas adjacentes ao casarão foram destinadas a eles, colocando os negros em choças de pau a pique mais distantes que a senzala.

Carlos Lemos⁶ apresenta em seu livro “Casa Paulista” importantes reflexões acerca do então Engenho Salto Grande, o qual ele define como o único remanescente do que chama de “sobrado ortodoxo”, que teria um programa incomum de térreo reservado para serviços e o pavimento superior à moradia isolada. O autor também descreve as aquarelas feitas por Hércules Florence em 1834, como observado nas Figuras 2 e 3, que representam o engenho em pleno funcionamento, pelo lado externo pode-se observar

⁵ TREVISAN, G. S., GUEDES, E. C., BOCARDI, J. L. R., & FELTRIN, M. S.. Americana-SP, uma história entre rios. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, v. 27, n. 1, p. 155-172, 2019.

⁶ LEMOS, Carlos A. C. **Casa Paulista**: história das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café. São Paulo: Edusp, 1999.



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

“...uma tropa de burros, certamente à espera das caixas de açúcar fabricado no engenho, cujas chaminés estão fumegando e dizendo que as fornalhas estão acesas para o sofrimento dos escravos à volta dos tachos”, e pelo lado interno justamente os escravos trabalhando nas fornalhas.

Sobre o programa do casarão, Lemos também apresenta uma série de fatores, como a produção de velas e tecelagem de panos e cobertas para a família e também para a escravaria dentre os serviços do térreo, além de questionamentos sobre o lançamento de um pé-direito duplo que poderia indicar a fabricação de algo de grande altura nesse espaço, e a escada de serviço excessivamente larga (dois metros), com grades altas e portões nas duas extremidades, “que hoje não nos permitem adivinhar o que ou quem estavam a separar, a proteger, a selecionar.”, a qual dá acesso a um salão superior que poderia ser o espaço em que o proprietário fiscalizava o movimento lá embaixo.

Figuras 2 e 3 - Engenho Salto Grande



Fonte: Hércules Florence, 1843.

Desde 1977 o casarão sedia o “Museu Histórico e Pedagógico Municipal Doutor João da Silva Carrão”, porém muito se questiona sobre seu caráter “histórico e pedagógico”. Em entrevista concedida aos autores, Claudia Monteiro da Rocha Ramos representando a Unegro de Americana conta como o espaço possui um projeto educativo que não aborda a história do negro e do indígena, mas sim a do europeu.

Lá você encontrava só a vestimenta, que agora nem tá mais aberto o museu, só os móveis, e só uns instrumentos de utensílio da população branca, e aí o que que tinha do negro lá, um pelourinho que foi implantado lá dentro do casarão, que não era nem o



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

lugar, e aí que raio de história é esse de museu pedagógico? (RAMOS, Claudia M. R., 2021)

Existe ainda na cidade, o Projeto Raízes, que passa por diversos espaços de memória da cidade, incluindo o casarão, com alunos da educação fundamental, mas sem contar a história negra na cidade, do casarão conta-se que era um engenho e que possuía trabalho escravo, mas não se aprofunda na história desses indivíduos e sim na dos proprietários. Na década de 90 houve a implantação de um projeto, o Batacotô, formulado por Seu Dito Preto, importante figura do movimento negro de Americana e Santa Bárbara d'Oeste, em parceria com Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva⁷. O projeto promoveu encontros no casarão “e lá eles vão fazer as comidas típicas, a canjica, eles vão falar sobre essa cultura afro-brasileira e trazendo os professores da rede pública estadual e municipal” (RAMOS, Claudia M. R., 2021). O projeto existiu em sua totalidade entre 1993 e 1998, com uma tentativa de reedição nos anos 2000, mas sem sucesso, porém o projeto permanece promovendo encontros anuais no final do ano no Teatro Municipal de Americana.

Retomando a história de formação da cidade, passamos para os tempos do café. Com o rápido avanço das lavouras cafeeiras entre os anos 1840 e 1870 pela região conhecida como Velho Oeste Paulista (que compreende as cidades de Campinas, Limeira, Rio Claro e São Carlos), alguns sistemas começam a se formar na região, como a mecanização agrária, os sistemas de armazenamento das fazendas, e a necessidade de um transporte mais rápido da região para o Porto de Santos.

Nos anos 1860 surge no Brasil grande incentivo na produção algodoeira devido às demandas das fábricas inglesas que têm seus estoques prejudicados pela Guerra de Secessão nos Estados Unidos que ocorreu entre 1861 e 1865. Com o fim da guerra, os americanos voltaram a exportar algodão para a Inglaterra, tomando o lugar do Brasil no mercado internacional, e assim provocando o surgimento das primeiras fábricas de tecido no interior do estado de São Paulo para suprir a oferta de algodão. Além disso, a

⁷ Relatora da lei 10.639/2003, que introduz a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afrobrasileira e africana nas escolas de ensino fundamental.



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

abolição da escravidão nos Estados Unidos provoca descontentamento em muitos americanos sulistas que decidem emigrar para o Brasil, incentivados pelo Império Brasileiro que tinha interesse em proporcionar o branqueamento da população.

Os proprietários das fazendas de café e de algodão também foram responsáveis pelo investimento nas estradas de ferro, com o objetivo de acelerar a exportação, e assim em 1872 a ferrovia chega a Campinas e em 1875 à Santa Bárbara. A passagem da ferrovia exigiu a construção de uma ponte sobre o Rio Piracicaba que motivou a permanência de trabalhadores na região, que se estabeleceram próximos da Fazenda Machadinho citada anteriormente, que logo ficou conhecida como Vila da Estação e, posteriormente, Vila Americana, que é elevada a Distrito de Campinas em 1904, e que inclui a população de Vila Carioba. Conta-se que as ruas do bairro foram as primeiras a receber asfalto no Brasil, fato que se explica por facilitar o deslocamento das carroças que transportavam as colheitas de algodão, mas também de melancia (muito forte na região), entre a estação e as fazendas.

Uma série de fábricas de tecido vão surgindo na região, incluindo a Fábrica de Tecidos e Vila Operária Carioba (nome que significa “pano branco” em tupi-guarani), no distrito de Vila Americana do município de Campinas, cuja vila operária demonstra um importante fator na industrialização brasileira pois indica um modelo de habitação que conecta o trabalhador ao seu trabalho.

Figuras 4 e 5 - Fábricas de Carioba atualmente



Fonte: Vitor Menck, 2021.

Existem evidências de que houve trabalho escravo em Carioba. Segundo Ribeiro (2005), “localizou-se no Arquivo do Centro de Memória da Unicamp, um importante documento



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

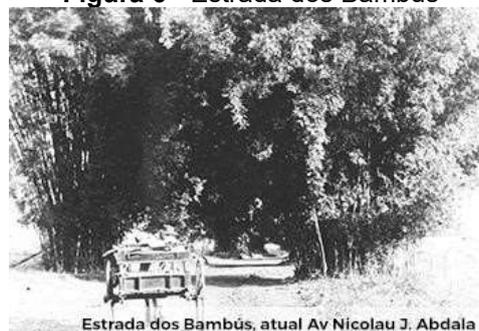
sobre locação de escravos, datado de 1887”, referente aos proprietários da fábrica de tecidos, Clemente Wilmot, e da Fazenda Machadinho, Basílio Bueno Rangel.

O documento citado refere-se ao adiantamento que o Senhor Clement Wilmot fazia para a alforria de nove escravos, sendo cinco homens e quatro mulheres, pertencentes aos senhores Basílio e José Bueno Rangel, proprietários da Fazenda Machadinho. A transação foi feita mediante o contrato no qual os escravos se obrigavam a trabalhar durante três e quatro anos na Fábrica de Tecidos Carioba, nos dias úteis, recebendo em troca: moradia, alimentação e cuidados médicos, quando necessários. (RIBEIRO, 2005)

Existem ainda registros sobre o pós-abolição dos negros de Americana, que se dividiram entre ficar trabalhando nas fazendas, praticando lavouras de subsistência, ou se dirigindo aos centros urbanos, ocupando postos de trabalho periféricos. A fábrica de tecidos Carioba encerra suas atividades em 1896 e permanece fechada até 1901 quando é arrematada pelo alemão Franz Müller, reinaugurada no ano seguinte. Segundo representantes da UNEGRO (2017), relatos apontam que a presença negra em Carioba se torna menos frequente nessa época, pois a nova família não gostava de “gente de cor”, tendo pouca oportunidade de trabalho na fábrica, demonstrando que, assim como em grande parte do território nacional, a maioria da população negra no pós-abolição foram alijadas dos trabalhos formais.

Outro aspecto analisado desta época foi o plantio de bambus nas beiras das ruas (Figura 6) ao redor da casa onde morava a família Müller por negros a mando do próprio Franz Müller, e conta-se que sua motivação para este feito foi proteger suas filhas do sol, pois a pele branca significava poder.

Figura 6 - Estrada dos Bambus



Fonte: Assoc. dos Permissionários de Carioba.



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

A história de Americana é marcada pela invisibilização da história negra, colocada abaixo da memória de imigrantes italianos, norte-americanos, portugueses, ingleses e alemães. Na cidade pouco se preserva de seu patrimônio material, mesmo aqueles que são historicamente privilegiados, como o Casarão Salto Grande e Hermann Müller, que apesar de tombados encontram-se desativados e em estados de degradação e abandono. Em segunda instância, o patrimônio operário imigrante, como a Vila Carioba, encontrase em pior estado, com diversos pontos em ruínas. E em terceira instância, o patrimônio negro e indígena, do qual pouco se fala e se vê, e cujo esse trabalho deseja resgatar, seja patrimônio material ou imaterial.

No que tange a ocupação da população negra no pós-abolição, em entrevista Claudia Monteiro nos conta que as informações sobre quais espaços ocuparam são muito fragmentadas, mas há relatos de que os negros moraram no bairro Conserva em meados do século XIX, pois eram a mão-de-obra na construção dos trilhos da linha férrea, que passa ao lado do bairro. A única ocupação negra notável no centro, foi na rua Capitão Corrêa Pacheco, uma rua curta que foi conhecida como Pito Aceso, porém posteriormente essas famílias negras foram expurgadas do local, e hoje se trata de uma rua comercial do centro.

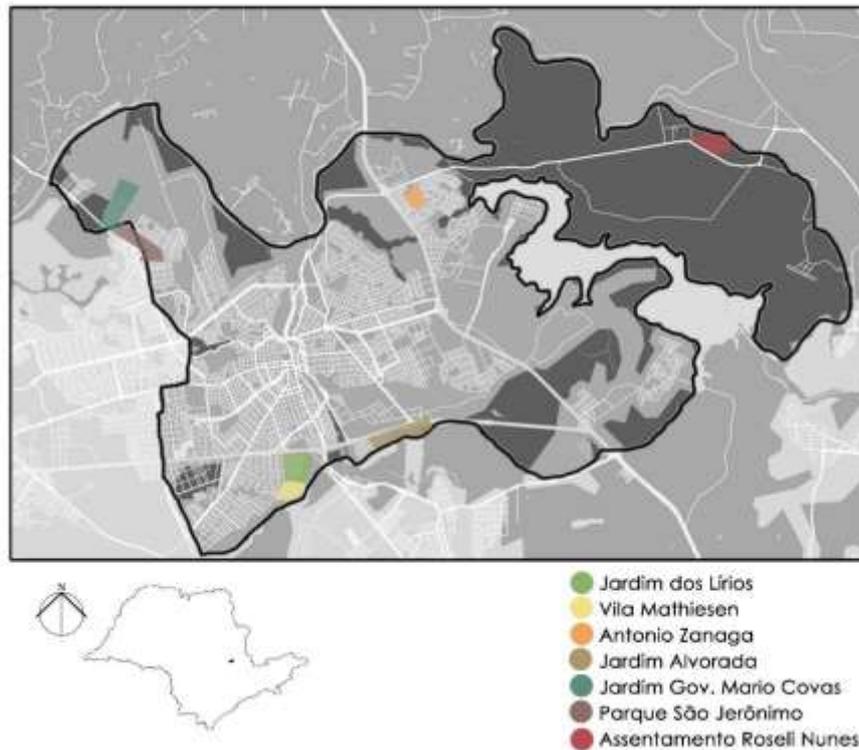
Atualmente são notáveis alguns bairros que possuem maior concentração de população negra, conforme a Figura 7. O bairro Jardim dos Lírios é o principal dentre eles, pois possui a maior concentração de população negra na cidade e é umas das ocupações mais antigas dentre as citadas. Relatou-se que até o início dos anos 90, o bairro constituía uma favela. O bairro sofre forte depreciação entre os bairros vizinhos de classe média, sendo relacionado ao crime, ao tráfico, a miséria, aos estereótipos racistas construídos ao longo da história brasileira, sendo até mesmo apelidado de “Jardim dos Tiros”, associando os conceitos abstratos de classes pobres e classes perigosas⁸ e assim mantendo uma política de repressão.

⁸ Essa definição surge no século XIX e dita das políticas de repressão fora dos limites de trabalho no pós-abolição, numa lógica em que todo cidadão pode ser suspeito até que prove o contrário, mas alguns são mais suspeitos do que outros, incluindo a população negra. CHALHOUB, Sidney. *Cortiços In: Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004, pp. 15-59



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

Figura 7 - Bairros de maior concentração da população negra



Fonte: Vitor Menck, 2021.

O bairro Antonio Zanaga se localiza próximo ao casarão Salto Grande, e, portanto, também é um bairro periférico que surgiu no início do desenvolvimento da cidade, também tendo uma presença marcante da população negra. Os bairros Jardim Gov. Mário Covas e Parque São Jerônimo surgiram mais recentemente, na década de 90, como um projeto de desmanche das favelas de Americana, atraindo para o bairro moradores do Jardim dos Lírios, conseqüentemente, também tem forte presença negra. Mais recentemente, nos limites da zona rural da cidade, depois do casarão, surgiu o Assentamento Roseli Nunes, trata-se de uma ocupação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que lutam pela reforma agrária, a distribuição de renda e um país mais igualitário, e inclui moradores negros, diferentes etnias indígenas, imigrantes da Angola e da Bolívia⁹.

⁹ A. Roseli Nunes Americana. **A. Roseli Nunes, Americana**. Youtube, 27 de abr. de 2018. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=Y7Sky43jq1M&ab_channel=A.RoseliNunesAmericana >. Acesso em: 26 de jun. de 2021.



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

De modo geral, os bairros que possuem maior concentração da população negra se encontram em todas as periferias da cidade, isto é, afastados do centro em todas as direções, nos limites da cidade. Com relação aos movimentos em prol das práticas culturais e tradicionais, o legado de Silvia Barros (1958-2009) é essencial em ser comentado, militante do movimento negro, ela criou a ONG Arte de Vencer e o projeto Tambor Menino, que levava a dança e cultura negra para bairros como o Mathiensen e o Jardim dos Lírios, a ONG também tinha projetos que ajudavam crianças em situação de vulnerabilidade social e mulheres na prostituição.

Até o início da década de 80, os negros eram proibidos de entrar nos clubes da elite da cidade, clubes como o Rio Branco, Veteranos e o do Bosque, então foram criados clubes negros, dos quais Claudia Monteiro cita um na Av. Nove de Julho e outro no Bairro Conserva, que como escrito anteriormente foi um bairro de ocupação negra no passado, esses espaços foram apelidados de *risca faca* e hoje não existem mais. Também por consequência do não acesso dos negros aos clubes, Silvia Barros e sua mãe criaram o carnaval de rua na cidade, o que nos demonstra a importância cultural que a rua pode assumir.

Outros espaços de cultura negra que podem ser citados são as capoeiras Motta, Maguila e Abadá, o grupo de maracatu Estação Quilombo, o Centro Cultural Candeeiro que reúne práticas do Jongo, o Cacuriá, o Maculelê, o Samba de Roda, a Catira, o Xaxado, o Coco de roda, a Cenopoesia e outras, a escola de samba Acadêmicos do Salto Grande e os grupos de hip hop do Garrafão. Religiosamente, Pedro Monteiro nos conta que não existem terreiros de Candomblé na cidade, mas existem alguns terreiros de Umbanda, dentre os quais o Terreiro de São Domingos é o mais antigo e tradicional, e além dele, o Tenda do Caboclo, o Recantos dos Orixás, entre outros. Todos esses espaços preservam aspectos da cultura africana e afro-brasileira e são desejáveis de se mapear, a fim de contribuir para a compreensão da relação do espaço urbano com as práticas culturais e tradicionais das populações negras de Americana, e de certa forma de como isso pode se relacionar com todo o contexto nacional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

Embora a presente pesquisa ainda esteja em desenvolvimento, já é possível notar a importância de uma análise histórica da formação do Brasil de um ponto de vista afrocentrado, em que são destacadas as relações raciais e o racismo antinegro como estruturantes da formação das cidades brasileiras, aqui recortada em Americana-SP. Notou-se nos levantamentos feitos até o momento que a formação das cidades está diretamente relacionada com a dimensão racial, com as populações negras brasileiras sendo impelidas para as periferias, onde desenvolvem suas sociabilidades. Destaca-se a dificuldade em acesso a documentos que atestem os caminhos trilhados por esta população na cidade, que muitas vezes são resumidos ao período escravista e desvinculados do pós-abolição, portanto é necessário um trabalho de busca no qual é de suma importância o contato direto através da oralidade com tais populações. É por esse caminho que a pesquisa segue procurando contato com moradores desses bairros negros, detentores de saberes primordiais para a constituição da história e cultura negra da cidade.

REFERÊNCIAS

- CHALHOUB, Sidney. Cortiços In: CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial**. São Paulo: Cia. das Letras, 2004, pp. 15-59
- CUNHA JUNIOR, Henrique; BIÉ, Estanislau Ferreira. **Bairros negros, cidades negras**. Editora Via Dourada, 2019.
- LEMOS, Carlos A. C. **Casa Paulista: história das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café**. São Paulo: Edusp, 1999.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Editora Antígona, 2014.
- MUNANGA, Kabengele. **Origens africanas do Brasil Contemporâneo**. Editora Global, 2009.
- OLIVEIRA, Joana D'arc. **Da senzala para onde: negros e negras no pósabolição em São Carlos (1880-1910)**. São Carlos: Fundação Pró-Memória de São Carlos, 2018.
- RIBEIRO, Maria José Ferreira de Araujo. **Memória, imigração e educação - fábrica de tecidos Carioba: uma vila industrial paulista no início do século XX**. 2005.
- ROLNIK, Raquel. **Territórios Negros nas Cidades Brasileiras** (etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro). Texto escrito em 1989 e publicado pela primeira vez na



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

Revista de Estudos Afro-Asiáticos 17 – CEEA, Universidade Cândido Mendes, setembro de 1989.

SLENES, Robert. **Na senzala uma flor - Esperanças e recordações da família escrava: Brasil Sudeste, Século XIX**. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

TREVISAN, G. S., GUEDES, E. C., BOCARDI, J. L. R., & FELTRIN, M. S.. **Americana-SP, uma história entre rios**. Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura, v. 27, n. 1, p. 155-172, 2019.

UNEGRO – AMERICANA. **Os negros na história de Americana**. Americana, 24, jan. 2017. Facebook: Unegro - Americana. Disponível em: www.facebook.com/UnegroAmericana/. Acesso em: 01/03/2021.

WEIMER, Günter. **Inter-relações afro-brasileiras na arquitetura**. EDIPUCRS, 2014.